

ESPECIAL 7º CONGRESSO DE FUNDOS DE INVESTIMENTO

Fotos: Leandro Viola e Ricardo Rollo



Denise Pavarina, presidente da ANBIMA, Leonardo Pereira, presidente da CVM e Aldo Mendes, diretor de Política Monetária do BC, participaram da abertura do evento

7º Congresso de Fundos debate "novos caminhos e novos olhares" para a indústria

Os novos patamares de juros brasileiros, aliados ao cenário econômico do país, alimentam uma transformação cultural que já influencia investidores e a indústria de fundos brasileira. O período de transição pelo qual passará a indústria exigirá de todas as instituições que atuam no segmento, e também dos próprios investidores, que adotem "novos caminhos e novos olhares" para seus negócios, concordaram os participantes do 7º Congresso de Fundos de Investimento, realizado nos dias 14 e 15 de maio pela ANBIMA.

Denise Pavarina, presidente da ANBIMA, abriu o evento destacando que o período de transição já começou, alertando que ele exigirá esforços de todos os participantes da indústria de fundos. "Como representantes não apenas da

indústria de fundos, mas de todos os segmentos do mercado financeiro e de capitais, nós, da ANBIMA, assumimos o compromisso de estimular essa transformação do mercado brasileiro".

Segundo Denise, o novo cenário oferece aos participantes a oportunidade de redesenhar o mercado de investimentos no Brasil. "A indústria precisa construir novos caminhos, mas precisamos também ajudar o investidor a adotar novos olhares e soluções para sua vida financeira", disse.

Na visão do diretor de Política Monetária do Banco Central, Aldo Mendes, que participou do painel de abertura do Congresso ao lado da presidente, "é preciso avançar para novos padrões estruturais e buscar romper com práticas ainda herdadas

de períodos inflacionários passados".

O primeiro dia do evento foi dedicado aos desafios enfrentados pelos gestores, ao passo que as discussões sobre regulação, autorregulação e o relacionamento com os investidores pautaram o segundo e último dia. Gustavo Murgel, vice-presidente da ANBIMA, destacou a tendência atual da indústria em promover o alongamento do prazo das carteiras e a necessidade de diversificação de produtos. Ele ressaltou que os investidores brasileiros historicamente têm preferência por investimentos de alta liquidez, comportamento que deverá mudar diante do novo cenário brasileiro. "O conhecimento e o entendimento dos investidores possibilitará o alongamento dos prazos". ►



Robert van Dijk
da ANBIMA



Otávio Yazbek
da CVM



Carlos Massaru
da ANBIMA



Luciane Ribeiro
da ANBIMA

Para o diretor da Associação Pedro Bastos, o novo cenário para os investimentos exigirá que o gestor ajude o investidor a quebrar paradigmas em relação à liquidez e também ao processo de readequação da carteira para conseguir retornos mais satisfatórios no futuro.

As iniciativas de educação de investidores foram lembradas por vários dos participantes como um dos alicerces importantes para desenvolvimento da indústria. “Temos que fazer a transição do mundo focado em produto para um mundo focado em clientes; de um mundo focado em aplicação para um mundo focado no planejamento financeiro; do foco em informação para o foco em educação”, declarou Carlos Massaru, vice-presidente da ANBIMA.

À medida que as carteiras dos fundos se tornam mais sofisticadas, cresce também a importância do aperfeiçoamento dos aspectos regulatórios, como explicou Luciana Ribeiro durante o painel dedicado à discussão da regulação e autorregulação da indústria. “Devemos controlar a qualidade e o risco que está embutido na diversificação dos fundos. Se queremos sofisticar a gestão, temos também que sofisticar os controles de risco”, afirmou a diretora da ANBIMA. O presidente da CVM, Leonardo Pereira, chamou a atenção para a importância da ação coordenada e contínua entre reguladores e autorreguladores.

Além dos grandes temas, os congressistas tiveram a oportunidade de discutir temas pontuais e específicos do segmento de fundos. Os

produtos que estão ganhando espaço no mercado como ETFs (Exchange Traded Funds), fundos imobiliários e fundos de private equity, por exemplo, fizeram parte da programação e de palestras paralelas que ocorreram durante o evento.

No encerramento, o vice-presidente da ANBIMA Robert van Dijk lembrou que a maioria dos assuntos discutidos no evento está relacionada às prioridades estratégicas da ANBIMA e destacou a oportunidade de reflexão proporcionada aos participantes nos dias de debate. “Tivemos dois dias ricos e produtivos que talvez nos tragam novos olhares para traçarmos novos caminhos. Vivemos uma fase de profundas transformações na indústria. É um momento de uma verdadeira transformação comportamental”, disse. ■



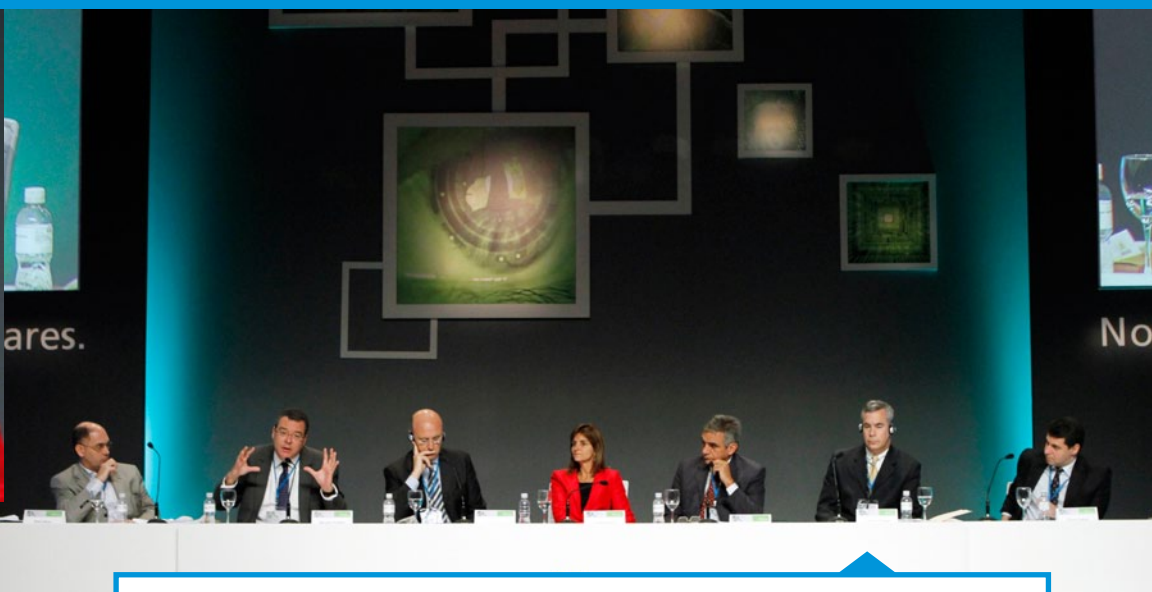
Para Pedro Bastos, gestor deve ajudar o investidor na quebra de paradigmas por liquidez



Leonardo Pereira chamou atenção para a importância da ação coordenada e contínua entre reguladores e autorreguladores



Aldo Mendes, diretor de Política Monetária do BC, diz que é preciso romper com práticas herdadas de períodos inflacionários



Participantes do painel que discutiu a regulação e autorregulação da indústria de fundos. Da esquerda para a direita: Regis de Abreu, da ANBIMA e da Mercatto, Marcelo Trindade, da Trindade Sociedade de Advogados, Marc Saluzzi, da Alfi, Luciane Ribeiro, da ANBIMA e do Santander, o moderador Paulo Markun, Joseph Savage, da Finra, e Otavio Yazbek, da CVM



Joseph Savage, da Finra

Os ETFs como opção de investimento para fundos de gestão ativa foram tema de palestra. Da esquerda para a direita: Paulo Valle, do Tesouro Nacional, Marcelo Wilk, da BM&FBOvespa, Erick Carvalho, da ANBIMA e do Citibank, Anderson Caputo, do Banco Mundial, Marcelo de Jesus, da ANBIMA e da Caixa Econômica Federal, Ricardo Cavalheiro, da ANBIMA e da BlackRock, e Tatiana Grecco, da ANBIMA e da Itaú Asset Management





Os debatedores do painel que discutiu o cenário econômico como direcionador das estratégias de investimento no Brasil. Da esquerda para a direita: Samuel Pessoa, da Reliance, Reinaldo Le Grazi, da ANBIMA e da Bradesco Asset Management, Luiz Fernando Figueiredo, da ANBIMA e da Mauá Investimentos, o moderador Paulo Markun, Rodrigo Azevedo, da ANBIMA e da Ibiúna Investimentos, e Martin Feldstein, da Universidade de Harvard



Da esquerda para a direita: Patricia Herculano, Tatiana Itikawa, José Carlos Doherty, da ANBIMA, os vice-presidentes da Associação Carlos Massaru, da BB DTVM, e Gustavo Murgel, do Itaú-Unibanco, e a presidente da ANBIMA, Denise Pavarina, do Bradesco



Gustavo Murgel, da ANBIMA e do Itaú-Unibanco, e Carlos Ambrósio, da ANBIMA e da Claritas



Eduardo Gianetti, do Insper, falou sobre o desempenho econômico do país e os seus reflexos na indústria de fundos



Martin Feldstein, da Universidade de Harvard, fez palestra sobre a economia internacional

As novas regras de gestão de Previdência Complementar foram tema de debate. Da esquerda para direita: Reginaldo Camilo, da Abrapp e da Fundação Itaúbanco, Paulo Vianna, da Susep, Luiz Sorge, da ANBIMA e da BNP Paribas, Luciano Snel, da Fenaprevi, e Edevaldo Fernandes, da PREVIC





Desafios

Um dos grandes desafios da indústria será a preferência do investidor brasileiro por produtos de liquidez de curto prazo, de acordo com Demosthenes Pinho Neto, da Brasil Warrant Investimentos. "Ainda é uma cultura preponderante e que se reflete na composição dos ativos", afirmou ele durante a plenária "Os desafios da indústria de fundos de investimento no Brasil: novos caminhos em busca de performance".

Gustavo Murgel, da ANBIMA e da Itaú Asset Management, disse que os gestores têm um dever fiduciário com os investidores e que, apesar da predominância da cultura de curto prazo, cabe a eles ajudá-los a reconhecer a importância de conhecer novos instrumentos. "Nós temos a responsabilidade de educar os investidores. Pode parecer paternalista, mas é a nossa função", disse.

O caminho para a indústria, segundo Pinho Neto, é alongar as carteiras de ativos que compõem os fundos, diversificar a oferta de produtos e proporcionar mais transparência sobre sua gestão.



Futuro da gestão

Segundo dados da pesquisa da Consultoria Casey Quirk & Associates LLC, apresentada na plenária "Visão futura de gestão no Brasil e lições relevantes no exterior", a indústria brasileira crescerá mais que o mercado global entre 2013 e 2017. A pesquisa detectou, ainda, a tendência de globalização do segmento de fundos, que ocorrerá em decorrência dos juros baixos.

Na visão de Robert van Dijk, da ANBIMA e do Banco Votorantim, a indústria brasileira está passando a focar nas necessidades dos clientes e não mais nos produtos. "É uma transformação de mentalidade. Antes tínhamos que pensar no curto prazo e hoje o modelo é outro. As pessoas passam a se questionar como devem se preparar para o longo prazo", afirmou.

De acordo com Pedro Bastos, da ANBIMA e do HSBC, ainda existe uma demanda reprimida para investimentos de maior retorno. Para atendê-la, ele acredita que será necessário transparência, estratégia e benchmarks muito claros. "Tem que ter esforço no desenho do produto."



Educação

De acordo com pesquisa da consultoria McKinsey, a continuidade do crescimento da indústria de fundos dependerá dos esforços para ampliar a educação financeira de investidores. Os dados, apresentados na plenária “A visão do investidor”, apontam que os investidores sentem a necessidade de buscar novas alternativas de investimentos, mas têm uma insegurança muito grande. “Eles são influenciados pelas notícias da semana, mas como elas são muito variadas, eles ficam perdidos e isso leva à inação”, afirmou Rodrigo Mascarenhas, da McKinsey.

Para Carlos Massaru, da ANBIMA e da BB DTVM, uma das formas de ajudar o investidor a sair deste estado de inação, além da ênfase em educação que pode ajudá-lo no processo de decisão mais consciente, é o ajuste do modelo de oferta de produtos. “As ofertas não devem ser feitas pontualmente, em cima do produto, mas devem ser mais amplas, agregando valor ao cliente”, disse.



Razão e emoção

Lealdade, patriotismo e excesso de confiança são algumas das emoções que influenciam as decisões dos investidores, segundo pesquisas realizadas por Wei Xiong, da Universidade Princeton. Os resultados foram apresentados na plenária “Razões e emoções que orientam a tomada de decisão do investidor”.

De acordo com Xiong, um dos erros dos investidores é esperar que as experiências passadas se repitam no futuro, o que nem sempre acontece. Um bom exemplo pode ser encontrado na escolha de ações nas bolsas de valores. Os investidores optam sempre por empresas com resultados positivos recentes e se afastam daquelas que perderam, à espera que o movimento se repita.

Na opinião Alexandra Braga, da ANBIMA e da Caixa Econômica Federal, as iniciativas de educação financeira têm um papel importante para estimular comportamentos mais racionais por parte dos investidores. “Apesar do dinheiro estar no dia a dia, as pessoas não querem tratar da questão. Nós temos que trabalhar isso. Os investidores precisam ter consciência que são os responsáveis pelo próprio dinheiro”, disse.



Ricardo Mizukawa, da ANBIMA e da Bradesco Asset Management, coordenou o debate sobre os FIDCs. Em sua visão, a partir do próximo semestre "teremos operações destes produtos vinculados ao mercado de infraestrutura". Da esquerda para a direita: Marcio Veronese, do Citibank, Marcello Aragão, do Itaú BBA, Francisco Bastos, da CVM, Ricardo Mizukawa, e Jean Pierre Gil, da Western Asset

Palestras oferecem a oportunidade de debate sobre temas específicos

Seis palestras técnicas foram realizadas durante os dois dias de evento para discussão de assuntos específicos da indústria de fundos. Os encontros, que reuniram mais de 670 pessoas, aconteceram simultaneamente às sessões plenárias. Desta forma, o congressista pôde montar uma programação customizada, de

acordo com os temas de seu interesse.

O desempenho recente e o potencial do segmento de fundos imobiliários, o desenvolvimento do mercado de ETFs (Exchange Traded Funds) e os investimentos em infraestrutura foram os assuntos que pautaram os encontros no primeiro dia.

Já no segundo, os congressistas puderam discutir o futuro do mercado de FIDCs (Fundos de Investimento em Direitos Creditórios), as estratégias utilizadas pelos fundos de participações e os impactos das novas regras de previdência complementar na gestão dos fundos. ■



Na palestra sobre fundos imobiliários, Reinaldo Lacerda, da ANBIMA e do Banco Votorantim, afirmou que "teremos um bom ano para a indústria de fundos imobiliários".

INFORMATIVO ANBIMA

Publicação da Associação Brasileira das Entidades dos Mercados Financeiro e de Capitais dirigida a seus associados

RIO DE JANEIRO: Avenida República do Chile, 230
13º andar CEP 20031-170 + 21 3814 3800

SÃO PAULO: Av. das Nações Unidas, 8501 21º andar
CEP 05425-070 + 11 3471 4200

PRESIDENTE: Denise Pavarina

VICE-PRESIDENTES: Carlos Massaru Takahashi, Cláudio Berquó, Gustavo Murgel, José Olympio Pereira, Pedro Lorenzini, Robert J. van Dijk, Sérgio Cutolo e Valdecyr Gomes

DIRETORES: Alberto Elias Assayag, Alenir de Oliveira Romanello, Carlos Eduardo Andreoni Ambrósio, Carolina Lacerda, Jair Ribeiro da Silva Neto, José Hugo Laloni, Luciane Ribeiro, Luiz Sorge, Luiz Fernando Figueiredo, Marcio Guedes Pereira Junior, Pedro Augusto Bastos, Regis de Abreu Filho, Saša Markus e Sylvio Araújo Fleury

COMITÊ EXECUTIVO: José Carlos Doherty (Superintendente Geral), Ana Claudia Leoni (Educação), André Mello (Controladoria, Tecnologia e Serviços), Guilherme Benaderet (Supervisão de Mercados), Patrícia Herculano (Representação Institucional), Valéria Areas (Representação Técnica), Marcelo Billi (Comunicação) e Soraya Alves (Jurídico)

EDIÇÃO E REVISÃO: Marcelo Billi • REDAÇÃO: Giselli Souza e Paula Diniz • DIAGRAMAÇÃO: Carlos A. Valério Jr.

www.anbima.com.br